

# A SIMPATIA E O ESPECTADOR IMPARCIAL NA OBRA DE ADAM SMITH: O “HOMEM PRUDENTE” COMO RESULTADO DOS HÁBITOS E COSTUMES SOCIAIS

Cezar Augusto Santos, Centro de Ciências Sociais Aplicadas - UNOCHAPECÓ  
[cezarsantos1975@hotmail.com](mailto:cezarsantos1975@hotmail.com)

Solange Regina Marin, Universidade Federal de Santa Maria  
[solmarin@gmail.com](mailto:solmarin@gmail.com)

Recibido: 19 de abril de 2014

Aceptado: 9 de junio de 2014

**Resumo:** Este artigo - por meio de pesquisa bibliográfica fundamentada principalmente na leitura da Teoria dos Sentimentos Morais (TSM) e na Riqueza das Nações (RN) - tem como objetivo compreender a importância dos hábitos e costumes sociais na construção do conceito smithiano de “homem prudente” e sua relação com o princípio que origina a aprovação social. Por isso, investiga a conexão entre a filosofia moral de Adam Smith e a sua abordagem em relação aos princípios humanos que norteiam a busca individual por melhorar a própria condição de vida. Entre as principais lições aprendidas a partir do estudo da obra de Adam Smith, está a de que foi através dos conceitos de simpatia e espectador imparcial, criados e desenvolvidos na TSM, que ele criou o conceito do homem prudente, que é muito diferente do *homo economicus* neoclássico; Além disso, que a visão smithiana de *self-love* está impregnada de conotações morais.

**Palavras-chave:** Adam Smith; Filosofia Moral; simpatia; espectador imparcial; homem prudente; *homo economicus*.

**Abstract:** This article - based on bibliographical research mainly grounded in the Theory of Moral Sentiments (TMS) and in the Wealth of Nations (WN) - aims to understand the importance of the habits and social customs in the construction of the Smithian concept of “prudent man” as well as its relation with the principle that originates the social approval. Hence, the paper investigates the connection between the moral philosophy of Adam Smith and his approach to human principles that guide the individual quest for improving the condition of life. Among the main lessons learned from the study of the work of Adam Smith, deserves to be mentioned that it was through the concepts of sympathy and the impartial spectator, created and developed in TMS, that he created the concept of the “prudent man”, which is much different of the neoclassical *homo economicus*. Other lesson is that the Smithian view of self-love is impregnated of moral connotations.

**Keywords:** Adam Smith; Moral Philosophy; sympathy; impartial spectator; prudent man; *homo economicus*.

**Resumen:** Este artículo – fundado en búsqueda bibliográfica centrada principalmente en la lectura de la Teoría de los Sentimientos Morales (TSM) y en la Riqueza de las Naciones (RN) - tiene como objetivo comprender la importancia de los hábitos y costumbres sociales en la construcción del concepto smithiano de “hombre prudente” y su relación con el principio que origina la aprobación social. Por ende, investiga la conexión entre la filosofía moral de Adam Smith y su acercamiento a los principios humanos que guían la búsqueda de la persona a mejorar sus condiciones de vida. Entre las principales lecciones aprendidas a partir del estudio de la obra de Adam Smith, se encuentra que fue través de los conceptos de simpatía y espectador imparcial, creados y desarrollados en la TSM, que Smith creó el concepto de hombre prudente, que es muy diferente del *homo economicus* neoclásico; Además, se ve principalmente que la visión smithiana del amor propio está impregnada de connotaciones morales.

**Palabras clave:** Adam Smith; Filosofía Moral; simpatía; espectador imparcial; hombre prudente; *homo economicus*.

## Introdução

Este artigo apresenta os conceitos presentes na Teoria dos Sentimentos Morais (daqui em diante TSM), primeiro livro escrito por Adam Smith, com o objetivo principal de compreender a importância dos hábitos e costumes sociais na construção do conceito smithiano de “homem prudente”, e sua relação com o princípio que origina a aprovação social às ações e condutas humanas. Os objetivos do artigo são: analisar o conceito de simpatia na obra de Smith; e o estudo do motivo pelo qual, para ele, as pessoas se dedicam ao autoaperfeiçoamento individual em busca daquilo que valorizam como “melhorar sua condição de vida”.

O principal questionamento analisado é, para Smith, a maioria dos seres humanos, em sua busca por riqueza, pode ser caracterizada como o calculista “*homo economicus*” da Economia Neoclássica? O argumento aqui defendido é o de que isto não corresponde à realidade, uma vez que, para Smith, em sua maioria, as pessoas, em sociedade, estão mais inclinadas ao conceito hutchesoniano de “homem bom”. Para o “pai da Economia”, a real motivação das ações econômicas deve ser buscada em um princípio que esteja além da esfera puramente econômica. Além disso, com a abordagem moral de certos temas presentes na TSM, Smith prepara o caminho para a análise econômica da sociedade em que estava inserido, ao escrever a Riqueza das Nações (a partir de agora RN).

Além desta introdução e das considerações finais, o artigo divide-se em mais quatro seções. Na primeira, é apresentada a análise de Smith sobre o que fundamenta e origina as regras gerais e os princípios de aprovação ou

desaprovação das ações e condutas em sociedade. Na sequência, é analisado o conceito smithiano do espectador imparcial e a importância do grupo social enquanto espelho a refletir as condutas humanas. A terceira seção trata, resumidamente, do impacto dos hábitos e costumes coletivos como fenômeno influenciador e inibidor das ações e condutas individuais. Por fim, é apresentada a visão de Smith a respeito da real utilidade da riqueza.

## 2 A Simpatia

Conforme Smith (1999), uma das questões mais importantes a serem analisadas por aqueles que buscam entender o modo como os homens se relacionam entre si é aquela que leva em conta o modo como se fundamenta o princípio da aprovação dentro de uma sociedade. Por isso, ele se pergunta do porquê de certos caracteres serem considerados como agradáveis enquanto outros não? Do porquê de certos tipos de condutas serem considerados como objeto de recompensa, ao passo em que outros são considerados como objetos de censura?

Na TSM, Smith (1999) analisa três diferentes explicações acerca do princípio de aprovação [relacionado com o fato de as pessoas aprovarem ou não tanto as suas próprias ações quanto as dos outros agentes sociais]. Uma das explicações estaria ligada à tendência das ações tornarem a vida daquele que julga a ação mais aprazível ou mais miserável. Ou seja, o princípio da aprovação estaria ligado unicamente ao egoísmo; a segunda explicação residiria na faculdade do intelecto (Razão) enquanto fator chave que possibilitaria aos seres humanos distinguir tanto os afetos quanto as ações que poderiam ser consideradas como adequadas ou inadequadas; e, por último, a explicação para o princípio da aprovação estaria fundamentada na satisfação ou aversão que a visão de certas ações ou afetos tenderia a inspirar nos demais seres humanos - o sentimento.

Ainda conforme Smith (1999), os defensores da explicação do princípio de aprovação com base no egoísmo, dentre eles Hobbes<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Thomas Hobbes (1588-1679) foi um filósofo, teórico político e matemático inglês que defendeu a tese de que os homens não tiram prazer algum da companhia uns dos outros (e sim, pelo contrário, um enorme desprazer), e que se socializam apenas motivados pelo mais puro egoísmo: “não procuramos companhia naturalmente e só por si mesma, mas para dela recebermos alguma honra ou proveito; estes nós desejamos primariamente, aquela só secundariamente” (Hobbes 2002, p.26). Conforme este autor, na natureza do homem podem ser encontradas três causas principais de discórdia. Primeiro, a *competição* que tende a levar os homens a atacar uns aos outros tendo em vista o lucro e a vontade de se tornar senhor dos demais indivíduos, das mulheres, filhos e rebanhos de seus inimigos; segundo, a *desconfiança*, o que faz com que em nome da segurança de suas mulheres, filhos e rebanhos os homens recorram à violência; e terceiro, a *glória*, elemento que faz com que em nome de sua “reputação” os homens agridam uns aos outros frente a qualquer provocação - uma palavra zombeteira, um sorriso de desdém, uma diferença de opinião, ou

Mandeville<sup>2</sup>, defendiam ponto de vista de que a sociabilidade entre os seres humanos tinha como origem unicamente a busca individual pela promoção de interesses privados. Ou seja, deste ponto de vista, o interesse que as pessoas nutrem pelo bem-estar da sociedade e em consequência a estima que dedicam as ações consideradas virtuosas nada mais é do que o resultado unicamente do amor exacerbado que nutrem por si mesmas. Smith (1999) rebate tal argumentação com o exemplo de que autores como Mandeville não conseguem explicar o fato de que mesmo atualmente, as pessoas abominam a infâmia de certos personagens da História (como Nero e Hitler), enquanto aplaudem a virtude de outros (Gandhi, por exemplo), mesmo que seus sentimentos não possam ser influenciados pela noção de que ao aplaudirem ou censurarem tais tipos de condutas possam obter algum tipo de benefício ou prejuízo (Smith 1999).

Em relação à doutrina que defende a Razão como a origem do princípio da aprovação, para Smith (1999), até certo ponto é válido o argumento de que a virtude tem uma ligação intrínseca com a Razão, uma vez que é por meio do intelecto que as pessoas descobrem as regras gerais de justiça, regras estas, que servem para regular as ações e condutas humanas. Além disso, as máximas gerais de moralidade, para Smith (1999), seriam resultado de uma confluência entre a experiência e a indução através da observação dentre uma grande variedade de casos particulares, aqueles que habitualmente agradam ou desagradam as suas faculdades morais. Por esta ótica, e a indução é operacionalizada por intermédio do intelecto.

Se não fosse pela Razão, os julgamentos morais realizados pelas pessoas seriam por demais incertos, dependendo “inteiramente” dos sentimentos e emoções, que por sua vez, dados os diversos estados tanto de saúde quanto de humor pelos quais passam os indivíduos não deixam de ser muito volúveis. O princípio da aprovação ou desaprovação de uma ação como virtuosa ou não, para ele, possui uma certa conformidade com a análise racional. Mas, isto não significa que Smith concorde com a argumentação que defende o pressuposto de que as primeiras percepções de certo e errado possam ter sua origem no intelecto (Smith 1999).

---

qualquer outro sinal de desprezo, quer seja diretamente dirigido a sua pessoa, quer indiretamente a seus parentes, amigos, nação, profissão ou “honra” (Hobbes 1979). Por esta ótica, apenas a existência de um poder em comum capaz de submeter igualmente a todos os homens [poder este, que para Hobbes, seria o Estado civil] é capaz de evitar aquela condição natural a todos os homens que ele chama de “guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens” (Hobbes 1979, p. 46).

<sup>2</sup> Bernard de Mandeville (1670-1733) médico, filósofo e economista político, embora em sua época este termo ainda não existisse, advogava a tese de que a base da sociabilidade humana e a verdadeira origem de todas as artes e ciências criadas pelo homem nada mais seriam do que a busca pela satisfação dos vícios individuais originados pelo egoísmo sem limites de cada ser humano (Fritsch 1996).

Para Smith (1999), toda e qualquer experiência sobre as quais se fundamentam as regras gerais e o princípio da aprovação são, antes objetos originados de sentidos e sentimentos imediatos, do que da Razão. Para ele, a “*simpatia*” – entendida como um conceito que surge a partir da análise de fenômenos empíricos, isto é do modo como as pessoas, com suas *experiências* (primeiro aspecto fundamental da visão do homem construída por Smith) na vida em sociedade incorporam sentidos de moralidade - é suficiente para explicar o princípio da aprovação.

De acordo com Wilson e Dixon (2006), embora Smith concorde com Hume, de que a simpatia é o fundamento dos juízos morais, a sua visão de “simpatia” é diferente. Enquanto para Hume, o “simpatizar” está relacionado ao fato de uma pessoa reconhecer o benefício (prejuízo) - a “dor ou prazer”, a “perspectiva de perda ou ganho” – que ela pode vir a obter ao ser destinatária de uma ação alheia, para Smith, o “simpatizar” se relaciona, literalmente, com o “compartilhar de sentimentos” [*fellow-feelings*] entre indivíduos socializados.

Mas, para Wilson e Dixon (2006), uma vez que, itens como benefícios (prejuízos), utilidade ou vantagens (desvantagens) derivados a partir de atos e condutas não são sentimentos, pela ótica de Smith, estes itens não podem ser compartilhados entre as pessoas. Então, o que Hume define como simpatia, não é, absolutamente, simpatia. A simpatia, no sentido dado por Smith (1999), é mais complexa, envolve uma espécie de “conexão orgânica” entre as pessoas. Nesta visão, embora o espectador seja capaz de reconhecer que o receptor foi beneficiado (ou não), ele não consegue “simpatizar” com seus benefícios (prejuízos). O que ele simpatiza é com o sentimento de gratidão (ressentimento) que o destinatário sente ao receber estes benefícios (prejuízos).

“I can recognize your benefit, but I cannot sympathize with it. For Smith, however, I can and do sympathize with your gratitude, with how you feel about the benefit. Otherwise expressed: for Smith there is an organic connection between myself and how you feel (about a certain form of conduct that affects you). But your feeling (or rather how I suppose that you feel) and myself can only be organically connected if your feeling is somehow inside of myself” (Wilson & Dixon 2006, p. 267).

No modelo de homem adotado por Smith, as pessoas ao se imaginarem umas no lugar das outras acabam por experimentar um conjunto de sensações e por meio destas sensações formulam seus julgamentos acerca das paixões que deram origem as ações adotadas ou sofridas pela pessoa em “julgamento”. Este imaginar-se no lugar do outro, para Smith (1999), é um sentimento que não está limitado apenas às pessoas abnegadas, está presente, em certos momentos, até mesmo entre criminosos.

“A partir da experiência, o sujeito smithiano pratica o segundo grande aspecto presente na TSM que é o *exercício da imaginação*. Só a partir da experiência podemos formar alguma ideia do que se passa na mente do outro, podemos nos colocar no lugar do outro. Só por meio da imaginação nos é possível conceber quais são as suas verdadeiras sensações. Imaginar-se no lugar do outro, vivenciar uma situação sentindo uma situação análoga ou colocando-se no lugar do outro é o ponto de partida da análise que Smith faz do indivíduo” (Ganem 2002, p.108).

De acordo com Coase (1976), a simpatia, pela ótica dada por Smith ao termo, é uma via de mão dupla, pois, a prática de nos colocar no lugar do outro, ao mesmo tempo em que nos torna não imunes ao que lhe ocorre, e nos faz imaginar como ele se sente, também tem como consequência que nós imaginemos como ele se sente em relação a nós.

Smith (1999) chama a atenção para a questão de que, devido ao fato de não ser possível às pessoas terem a experiência imediata do que as demais sentem, elas apenas concebem uma ideia do quão afetadas as outras são em suas alegrias e infortúnios quando imaginam como elas mesmas se sentiriam na mesma situação. Ou seja, apenas reproduzimos as impressões de nossos próprios sentidos, nunca as alheias (Smith 1999).

Para Quintana (2001), o conceito de simpatia, conforme utilizado por Smith funciona como um princípio natural, responsável pela sociabilidade entre os indivíduos. Este princípio provoca uma espécie de compartilhar de sentimentos [*fellow-feelings*] entre o observador de uma ação – espectador – e o agente imediatamente ligado a esta ação, seja de modo ativo, seja de modo passivo. Assim, a simpatia, para Smith, está ligada a solidariedade para com os sentimentos das outras pessoas.

“[Mas,] essas circunstâncias que produzem tristeza ou dor não são as únicas que provocam nossa solidariedade. Seja qual for a paixão que proceda de um objeto qualquer na pessoa diretamente atingida, uma emoção análoga brota no peito de todo espectador atento ao pensar na situação das outras [pessoas]” (Smith 1999, p.7).

O conceito de simpatia na obra de Smith vai muito além da definição tradicionalmente dada ao termo<sup>3</sup>, não denotando apenas a solidariedade de uma pessoa pelo sofrimento alheio, e sim solidariedade em relação a qualquer paixão. Enquanto em muitas situações a simpatia se estabelece instantaneamente de modo irrefletido, de pessoa para pessoa pela simples observação por parte de uma do semblante da outra, como por exemplo, a tristeza estampada no rosto de um estranho que nos afeta sem que saibamos o motivo de seu lamento. Em outras, nossa simpatia é despertada apenas

---

<sup>3</sup>Segundo Figueiredo (2010), simpatia – do latim *sympathia* – tanto pode ser uma “relação fisiológica entre dois órgãos, mais ou menos afastados”, uma “tendência instintiva para uma pessoa ou para uma coisa”, quanto uma “inclinação mútua de duas pessoas ou entre duas coisas”.

após uma análise arrazoada dos fatores geradores da paixão que se desenrola ante nossa visão e do grau da resposta a ela dada (Smith 1999).

“Existem algumas [paixões] cujas expressões não provocam nenhum tipo de simpatia, mas antes de nos inteirarmos do que as ocasionou, servem mais para nos provocar aversão e incitar contra elas. O comportamento furioso de um homem irado provavelmente tende a nos exasperar mais contra ele do que contra seus inimigos. Como não estamos a par dos motivos que o provocaram, não podemos fazer nosso o seu caso, nem conceber nada parecido com as paixões que esses motivos excitam. Mas vemos claramente qual a situação daqueles com os quais está irado, e a que violência eles podem estar expostos. Por isso, prontamente simpatizamos com o medo ou ressentimento deles” (Smith 1999, p.8).

Segundo Reis (2010), Smith compartilha com Hume a noção de que tanto os sentimentos quanto as ideias podem se converter em impressões do tipo reflexivas – não sensoriais – desde que, em sua origem, estes sentimentos e ideias, sejam dotados de algum grau razoável de vivacidade, suscitada via forte impressão sensorial.

“Cada um admitirá prontamente que há uma diferença considerável entre as percepções do espírito, quando uma pessoa sente a dor do calor excessivo ou o prazer do calor moderado, e quando depois recorda em sua memória esta sensação ou a antecipa por meio de sua imaginação. Estas faculdades podem imitar ou copiar as percepções dos sentidos, porém nunca podem alcançar integralmente a força e a vivacidade da sensação original. O máximo que podemos dizer delas, mesmo quando atuam com seu maior vigor, é que representam seu objeto de um modo tão vivo que quase podemos dizer que o vemos ou que o sentimos. Mas, a menos que o espírito esteja perturbado por doença ou loucura, nunca chegam a tal grau de vivacidade que não seja possível discernir as percepções dos objetos. Todas as cores da poesia, apesar de esplêndidas, nunca podem pintar os objetos naturais de tal modo que se tome a descrição pela paisagem real. O pensamento mais vivo é sempre inferior à sensação mais embaçada. Podemos observar uma distinção semelhante em todas as outras percepções do espírito. Um homem à mercê dum ataque de cólera é estimulado de maneira muito diferente da de um outro que apenas pensa nessa emoção. Se vós me dizeis que certa pessoa está amando, compreendo facilmente o que quereis dizer-me e formo uma concepção precisa de sua situação, porém nunca posso confundir esta ideia com as desordens e as agitações reais da paixão. Quando refletimos sobre nossas sensações e impressões passadas, nosso pensamento é um *reflexo* fiel e copia seus objetos com veracidade, porém as cores que emprega são fracas e embaçadas em comparação com aquelas que revestiam nossas percepções originais. Não é necessário possuir discernimento sutil nem predisposição metafísica para assinalar a diferença que há entre elas. Podemos, por conseguinte, dividir todas as percepções do espírito em duas classes ou espécies, que se distinguem por seus diferentes graus de força e de vivacidade. As menos fortes e menos vivas são geralmente denominadas pensamentos ou ideias. A outra espécie não possui um nome em nosso idioma e na maioria dos outros, porque, suponho, somente com fins filosóficos era necessário compreendê-las sob um termo ou nomenclatura geral. Deixe-nos, portanto, usar um pouco de liberdade e denominá-las impressões, empregando esta palavra num sentido de algum modo diferente do usual. Pelo termo impressão entendo, pois, todas as nossas percepções mais vivas, quando ouvimos, vemos, sentimos, amamos,

odiamos, desejamos ou queremos. E as impressões diferenciam-se das ideias, que são as percepções menos vivas, das quais temos consciência, quando refletimos sobre quaisquer das sensações ou dos movimentos acima mencionados" (Hume 2006, p. 19).

Ao tomar por base o exposto anteriormente, é possível intuir que, conforme Hume (2006), enquanto a pessoa diretamente envolvida em uma ação experimenta uma impressão sensorial, o espectador desta ação, por sua vez, com base em suas próprias experiências, compartilha apenas de uma impressão reflexiva<sup>4</sup>. Esta impressão reflexiva é uma característica chave do indivíduo sociabilizado, que tanto intrigou Smith.

Para Ganem (2002), o sujeito smithiano está constantemente frente a um jogo de espelhos. Porém, este jogo de espelhos nada mais é do que o reflexo do exercício da simpatia enquanto mediadora dos relacionamentos sociais. As pessoas, desde a mais tenra idade cumulativamente observam o comportamento e as reações a certos tipos de ação e sentimentos considerados como meritórios ou não pelos diferentes grupos sociais nos quais estão inseridas. Elas assimilam tal padrão de julgamento. Isto faz com que o exercício de captar os sentimentos de outras pessoas possibilite aos agentes sociais tanto a apreender os padrões morais como aplicá-los (Santos & Bianchi 2007).

Em relação a esta apreensão dos padrões morais por parte dos indivíduos e sua aplicação para o julgamento das ações tanto próprias quanto das outras pessoas, Smith apresenta o conceito do espectador imparcial. Este espectador, "o homem dentro do peito, o grande juiz e árbitro das condutas, o semideus dentro do peito" (Smith 2003, 166) é o modelo balizador das condutas humanas adequadas ao convívio social. Na sequência, analisar-se-á a importância deste conceito e sua relação com hábitos e costumes e o auto interesse.

### **3. O espectador imparcial**

Na análise das relações sociais empreendida por Smith, os agentes sociais necessitam que suas ações e comportamentos sejam "aprovados" não apenas pelos seus pares, mas também pelo julgamento do espectador imparcial, o qual pode ser considerado como a essência por trás da consciência individual, consciência esta que se forma como um produto social (Vivenza 2001).

---

<sup>4</sup> Para uma análise detalhada da diferença entre impressão sensorial e reflexiva e seu impacto na filosofia de David Hume e Adam Smith ver Reis (2010).



Na leitura da TSM é possível notar que Smith correlaciona a aprovação ou desaprovação com que julgamos, tanto a nossa conduta quanto as das outras pessoas, com a necessidade de se “distanciar” destas condutas e ações em análise. Uma vez que, o juízo de conveniência [adequação, decoro, legitimidade – *propriety*] ou inconveniência está relacionado com o fato de uma ação ser conveniente ou inconveniente, adequada ou inadequada, conforme a causa que inspirou o agente a realizá-la. A forma primária de tal juízo seria aquela realizada pelo espectador de uma ação ou conduta alheia ao imaginar, a si próprio no lugar do agente, e comparar o sentimento motivacional da ação com o sentimento que ele mesmo teria caso estivesse na mesma situação. Se, na situação imaginada, tomasse a mesma atitude que o sujeito em julgamento, ele compartilha de seu sentimento – aprova a ação (Raphael 2007).

Mas, conforme Paganelli (2010), enquanto é mais fácil se distanciar para analisar as ações e condutas das outras pessoas, o mesmo não ocorre quando as ações e condutas em julgamentos são as do próprio sujeito. Da mesma forma que, ao se colocar um objeto muito perto dos olhos, ele parece distorcido, ao se analisar a própria conduta, naturalmente se obtém uma perspectiva distorcida, uma vez que estando muito perto, a tendência é o sujeito olhar para si mesmo com certa condescendência. “Jamais podemos inspecionar nossos próprios sentimentos e motivos, jamais podemos formar juízo algum sobre eles, a não ser abandonando, por assim dizer, nossa posição natural e procurando vê-los como se estivessem a certa distância de nós” (Smith 1999, 139).

A maneira de evitar incorrer nesta tendenciosidade pode ser via inspeção das próprias ações e condutas tomando como base não só o modo como provavelmente as outras pessoas as veriam, mas indo além, e as examinando conforme se imagina que um espectador incorruptível as julgaria. Sendo assim, o padrão ideal de moralidade só pode ser encontrado no julgamento proferido pelo espectador imparcial<sup>5</sup>, que representa, de forma idealizada, a correspondência de sentimentos que é consequência da interação social. Ou seja, o espectador imparcial representa o espelho da aprovação ou desaprovação moral (Sugden 2002).

“O espectador imparcial forma seus juízos a partir dos reflexos de sua imagem no conjunto de espelhos em que se mira. A experiência e a observação em sociedade ensinam cada um a julgar com razoável neutralidade o conteúdo moral de diversas

---

<sup>5</sup>Na sua forma inicial, este conceito estava relacionado com o teatro. O termo foi criado por Joseph Addison em seu jornal “O espectador” para descrever o relacionamento entre um “público” esclarecido e o espetáculo que se lhes era apresentado no palco. As paixões seriam representadas através de gestos padronizados dos participantes do “jogo” [*players*]. Os espectadores imparciais teriam a capacidade de distinguir dentre os atos aqueles considerados como originários da realidade em contraposição aqueles considerados como falsos ou fantasiosos (Tribe 1999).

situações de sua vida, com um grau tolerável de proximidade do que seria o juízo do espectador imparcial" (Santos& Bianchi 2007, p.639).

Conforme Quintana (2001), no sistema moral defendido por Smith, enquanto a simpatia possui uma relação inequívoca com o compartilhar de emoções entre os agentes sociais, funcionando como a força de atração das emoções, o espectador imparcial funciona como o elemento controlador desta força. Da interação entre estes dois elementos, simpatia e espectador imparcial, abre-se a possibilidade da sociabilidade e da existência de atitudes virtuosas entre os indivíduos. Para Cerqueira (2004), da sua relação com o espectador imparcial, cada agente social deriva a virtude mínima a partir da qual a vida em sociedade se torna possível.

Mas, o que motiva as pessoas em busca desta "virtude"? Para Smith (1999), esta busca pelo caráter virtuoso, assim como todas as demais paixões humanas, está ligada ao desejo individual por reconhecimento e aprovação. Porém, esta aprovação repousa tranquila apenas quando não restam dúvidas de que o julgamento não sofreria mudanças mesmo quando analisado por qualquer observador indiferente a seu resultado.

"Portanto, parecerá merecedor de recompensa quem, para alguma pessoa ou pessoas, é objeto natural de uma gratidão que todo o coração humano esteja disposto experimentar, e, por essa razão, a aplaudir" (Smith 1999, p.85).

Ao analisar o desejo humano por reconhecimento e aprovação, Smith (1999) até certo ponto concorda com a visão estoica de que todo homem é, por natureza, primeiro e principalmente recomendado aos seus próprios cuidados, e interessa-se mais profundamente no que diz respeito imediatamente a si mesmo e a seus amigos e familiares. Mas, mesmo expressando textualmente que as pessoas ao tomarem conhecimento da tragédia que se abate sobre um desconhecido perdem muito menos do seu sono quando em comparação com qualquer pequeno infortúnio do qual elas mesmas são as vítimas, ele deixa claro, porém, que arruinar um desconhecido com o objetivo de se prevenir frente a qualquer infortúnio, ou até mesmo frente a sua própria ruína, é algo com o qual nenhum espectador imparcial pode concordar.

Ou seja, cada pessoa, em seu cotidiano, mesmo sem se dar conta, recorre ao julgamento do espectador imparcial ao analisar suas próprias condutas e ações. E, através disto, consegue identificar, embora não de maneira perfeita, o grau de conveniência ou inconveniência de seus atos e até que ponto é merecedora de admiração ou repúdio do habitante dentro do próprio peito. Caso suas condutas e ações sejam aprovadas por este espectador imparcial, esta pessoa, por simpatia, aprova a si mesma (Quintana 2001).

Na análise das relações sociais empreendida por Smith (1999), este aprovar a si mesmo, é muito importante; é um reconhecimento muito mais profundo do que apenas a aprovação originária dos espectadores externos ao indivíduo. Enquanto por um lado o mais sincero dos louvores pode provocar ao seu receptor – que tem ciência de não ser verdadeiramente merecedor de tal honraria – pouco prazer genuíno. Por outro ...

“Não basta, em absoluto, que de um modo ou de outro nos concedam, por ignorância, ou engano, estima e admiração. Se estamos conscientes de não merecermos que façam de nós uma ideia tão favorável, e de que se a verdade viesse a lume seríamos vistos com sentimentos bastante diversos, nem de longe nossa satisfação é completa. O homem que nos aplaude por ações que não realizamos, não aplaude a nós, mas a outra pessoa. Não podemos extrair nenhuma satisfação de seus louvores. Para nós seriam mais mortificantes do que qualquer censura, e perpetuamente nos trariam a lembrança da mais humilhante das reflexões: o que deveríamos ser, mas não somos. Alegar-se com um aplauso tão infundado é prova da mais superficial leviandade e fraqueza” (Smith 1999, 144).

Para Boff (2012), o espectador imparcial se forma como reflexo de experiências empíricas, ao invés de ser um elemento puramente imaginário – transcendental. Ele possui uma origem social e a coletividade é o “espelho” através do qual as pessoas aprendem quais as ações e condutas são consideradas virtuosas e quais não são. Ou seja, as virtudes não se originam do nada, elas são aprendidas através do convívio social.

“Para saber si aprobar o no nuestras acciones, debemos ser espectadores de nuestro próprio comportamento e imaginarnos qué efecto produciría em nosotros desde esta perspectiva .... Smith está postulando, como vemos, um espectador imparcial, que juzga no si tal conducta es aceptada, sino es aceptable. Esta idea, que el hombre es para otro un espejo (y no um lobo), es otra de las numerosas deudas de Smith para com Hume” (Castro 2004).

Em relação a esta questão, Smith (1999) toma como exemplo o caso hipotético de que se fosse possível a um ser humano crescer solitariamente, este não teria condições, sequer motivos, para pensar na conveniência ou demérito de seus próprios sentimentos e conduta, uma vez que ele careceria de um modelo em que se espelhar. Mas, caso fosse trazido para o convívio social, o espelho que antes não tinha acesso lhe seria fornecido.

“É colocado ante o semblante e comportamento daqueles com quem vive – que sempre registram quando compartilham ou desaprovam seus sentimentos -, é aí que pela primeira vez verá a conveniência ou inconveniência de suas próprias paixões, a beleza ou deformidade de seu espírito” (Smith 1999, p.140).

Mas, o que origina este espelho social que serve de referência ao comportamento dos indivíduos? Em grande medida a origem está nos hábitos e costumes enraizados em uma sociedade ao longo do tempo.

#### **4 A importância dos hábitos e costumes e sua relação com o homem prudente de Smith**

Na TSM, Smith afirma que embora poucas pessoas concordem que seus julgamentos acerca de beleza ou virtude sofram grande influência dos hábitos e preconceitos originados das tradições de sua classe social ou grupos nos quais estão inseridos, e acredite que as regras que seguem se fundamentam na razão, não é difícil provar-lhes o contrário<sup>6</sup>.

A influência dos hábitos e costumes é significativa, de acordo com Smith (1999), até mesmo em relação aos julgamentos que envolvem sentimentos morais. Ele afirma que, por exemplo, pessoas educadas desde a mais tenra infância em um ambiente onde se cultiva de maneira contumaz a justiça, a modéstia e a afetividade tendem a cultivar estas virtudes, contrariamente aquelas que tiveram a infeliz sorte de serem criadas em meio à violência, falsidade e devassidão. Estas tendem a não ter nem mesmo a noção de quão ignóbil e inconveniente se apresenta seu caráter e conduta aos olhos de pessoas não acostumadas ao seu modo desregrado de vida (Smith 1999).

O ato de simpatizar, pela ótica smithiana, está intimamente ligado às regras gerais de conduta que regulam a vida em sociedade, regras estas, em grande medida, vistas como resultados dos inúmeros julgamentos morais realizados pelos membros de um grupo social – aprovação e desaprovação de atos e condutas – que ao longo do tempo vão consolidando hábitos e rotinas comportamentais considerados como adequados. Estes hábitos e rotinas passam então a ser considerados como regras balizadoras das condutas *esperadas* de cada agente individual pelo conjunto de agentes inseridos no grupo social (Boff 2012).

Porém, uma vez que cada ser humano possui um conhecimento profundo apenas de seus próprios sentimentos, a capacidade humana de compreender seus semelhantes depende, significativamente, da capacidade

---

<sup>6</sup>Smith utiliza como exemplo o costume de algumas tribos selvagens da América do Norte de apertar tiras de pano ao redor da cabeça de suas crianças a fim de torná-las quadradas - prática considerada pelos europeus como consequência de seu atraso intelectual - em contraponto ao costume de muitas damas europeias, que até poucos anos antes da publicação da TSM, apertarem suas formas corporais, naturalmente arredondadas, a fim de obterem formas quadradas. Mesmo após serem documentados inúmeros casos de doenças originadas por tal costume (Smith 1999).

de deduzir como o outro irá se sentir, e/ou, reconstruir os sentimentos vivenciados pela outra pessoa (Smith 1999). A imaginação é a base sobre a qual se constrói o ato de simpatizar e a imaginação, inegavelmente, está ligada à experiência, hábitos e costumes aprendidos pelas pessoas ao longo de sua existência. É através deste “*aprendizado*”, que o ser humano constrói a capacidade de se colocar no lugar do outro, imaginando como ele se sentiria em seu lugar – e esta capacidade tem grande influência sobre o ato de obedecer às regras gerais de conduta como forma de se evitar a censura social (Wenstein 2006).

“Em cada época e país do mundo, os homens necessariamente atentaram para o caráter, o desígnio e a ação uns dos outros, sendo então necessário estabelecer e aprovar, por consenso comum, inúmeras e respeitáveis regras e máximas de caráter. Tão logo surgiu a escrita, os sábios, ou os que se imaginavam sábios naturalmente se empenharam em aumentar o número dessas máximas estabelecidas e respeitadas, e em exprimir o que eles mesmos entendiam por conduta apropriada ou inconveniente” (Smith 2003, 973).

“O respeito às regras gerais de conduta é o que se chama propriamente de senso do dever, princípio da maior importância na vida humana, e o único pelo qual a maioria da humanidade é capaz de ordenar suas ações. Há muitos homens que se portam com bastante decência e evitam, ao longo de suas vidas, agirem de modo censurável, mas que talvez nunca tenham experimentado o sentimento sobre cuja conveniência fundamentamos nossa aprovação de sua conduta, agindo apenas por consideração ao que julgavam ser as regras de comportamento já estabelecidas” (Smith 1999, 195).

Com base no exposto acima, é possível intuir que para Smith, por serem as pessoas agentes sociais, elas não conseguem ignorar o julgamento formado pelas demais acerca de sua conduta e se esforçam para serem *aprovadas*. Para isso, naturalmente adéquam seus hábitos e comportamentos. Disto, surge o conceito de homem prudente elaborado por Smith na TSM.

## **5 O auto interesse e a utilidade da riqueza para Smith**

Ao analisar a relação entre o caráter do indivíduo e a sua relação com a felicidade, Smith (1999) afirma que na medida em que as pessoas crescem, elas tomam ciência da importância e aprendem a garantir os meios adequados para satisfazer as suas necessidades naturais relacionadas à fome e a sede, e para evitar se expor ao calor e frio em demasia através de algum

certo cuidado e previsão. Do grau com que realizam este cuidado e previsão depende o grau de sua “fortuna externa”.

Embora esta “fortuna externa” tenha como fim último prover os meios necessários para a satisfação de necessidades básicas do ser humano, este logo aprende que o respeito e admiração dos outros indivíduos, e em boa medida a sua posição hierárquica dentro do ambiente social em que está inserido dependerá do grau em que possua ou pareça possuir as vantagens que se originam desta “fortuna externa” (Smith 1999). Com base nesta constatação, Smith passa a investigar o verdadeiro sentimento que conduz a emulação que, em maior ou menor grau está presente no coração de todos os homens. Emulação relacionada com o fato de que:

“O homem de honra e distinção é notado por todos. Todos anseiam por contemplá-lo, e conceber, por simpatia, a alegria e exultação que suas condições naturalmente inspiram. Suas ações são objeto de atenção pública. Dificilmente lhe escapa um gesto ou uma palavra que passe despercebido. Numa grande reunião, é a pessoa para a qual todos dirigem seus olhares. É isso que, não obstante a consequente perda de liberdade, confere grandeza ao objeto de inveja, e compensa na opinião dos homens todas as fainas, todas as ansiedades, todas essas mortificações a que deve se submeter quem busca a atenção geral. Essa aquisição o faz perder o direito a todo o ócio e toda a tranquilidade” (Smith 1999, 61).

Existem, conforme Smith (1999), dois caminhos diferentes, mas igualmente capazes de proporcionar aos indivíduos esta tão desejada aclamação social. O primeiro caminho está relacionado com a incessante busca pela sabedoria e prática da virtude moral, o outro com a grande riqueza financeira e a fama. Enquanto o sucesso no primeiro destes caminhos geralmente conduz à admiração de um grupo seletivo e pouco numeroso de sábios, o sucesso no outro atrai o interesse e a veneração de uma grande multidão de admiradores, que imaginam a existência de seus *ídolos* envolta no máximo de perfeição e felicidade possível aos seres humanos.

Segundo Smith (1999), é a condição de vida das pessoas ricas e famosas que o indivíduo comum, quando sonha acordado ou devaneia à toa, entrevê como o propósito final de todos os seus desejos. Por consequência, sente uma peculiar simpatia pela satisfação daqueles que se encontram nesta condição, a ponto de sentir uma enorme compaixão se acaso uma tragédia venha a pôr fim a tão perfeita existência – compaixão esta que não ocorre em semelhante proporção, caso a tragédia ocorra com uma pessoa anônima.

Mas, para Smith (1999), esta idolatria e obsequiosidade do indivíduo comum para com os ricos e famosos não tem relação com alguma expectativa pessoal de auferir algum benefício por se comportar desta maneira, mas sim com uma genuína admiração pelo conjunto de vantagens

que *parece* disponível a quem desfruta de tal condição. Porém, as pessoas originárias das classes sociais inferiores, embora admirem esta condição, estão cientes que ela se faz disponível a bem poucos indivíduos. E, que caso queiram se distinguir e obter aquele mínimo de aprovação social sem o qual a vida em sociedade se torna muito difícil, precisarão denotar muito esforço.

Smith (1999) utiliza como exemplo o fato de que muitas pessoas de origem humilde na busca por ascensão social submetem-se a grandes fadigas mentais e corporais ao estudarem para distinguirem-se em alguma profissão. Elas se dedicam incansavelmente, diuturnamente, para adquirir talentos superiores aos seus competidores. Após dominarem estes talentos, procuram toda e qualquer oportunidade para exibí-los ao público. Perseguem durante toda a vida a ideia de um dia poder obter um repouso artificial e elegante.

“Deverá adquirir um conhecimento superior em sua profissão, e uma superior indústria no exercício dela. Deverá ser paciente no trabalho, firme nas aflições. Precisarà trazer tais talentos à vista do público, pela dificuldade, importância e ao mesmo tempo discernimento de seus empreendimentos, e pela severa e incansável aplicação com que os persegue. Probidade e prudência, generosidade e franqueza deverão caracterizar seu comportamento em todas as ocasiões comuns” (Smith 1999, 67).

Mas, a partir destas observações, qual é então, a “utilidade” da riqueza? Em que consiste a diferença entre uma casa confortável, porém modesta, e um palácio, uma vez que ambas se prestam ao mesmo fim - abrigar seus moradores e protegê-los das intempéries? Para Smith (1999), a resposta envolve questões que vão além do aspecto relacionado à utilidade dos bens. Envolve aspectos psicológicos. Como os indivíduos vivem em sociedade, e dentro das sociedades são inevitáveis as comparações interpessoais, os seres humanos tendem, em geral, a levar mais em conta como a condição em que vivem se mostra aos espectadores externos do que como se mostra a si mesmos.

“Se examinarmos por que o espectador distingue com tal admiração a condição dos ricos e poderosos, descobriremos que não obedece tanto ao ócio e prazer de que supostamente desfrutam, quanto aos inumeráveis expedientes artificiais e elegantes de que dispõem para obter esse ócio e esse prazer. Na realidade, o espectador não imagina que gozem de maior felicidade que as outras pessoas: imagina que disponham de mais meios para alcançá-lo. E a principal causa de sua admiração radica na engenhosa e inventiva adaptação desses meios para a finalidade para que foram criados” (Smith 1999, 223).

Conforme Smith (1999), como a imensa maioria das pessoas não é imune aos encantos e belezas propiciados pelos confortos que estão disponíveis aos ricos e poderosos e admira como tudo parece naturalmente concorrer para a promoção de sua tranquilidade, em sua imaginação, confundem tal tipo de existência com algo grandioso e nobre. A busca por

um padrão de vida mesmo que remotamente parecido a este, torna válido todo o árduo esforço físico e mental despendido em seus empregos todos os dias. Quintana (2001), ao analisar a obra de Smith, conclui que os espectadores imaginam a condição de vida das classes superiores como a possibilidade para que a felicidade possa ser alcançada não em um mundo por vir, mas na vida terrena.

Segundo Anspach (1972), embora Smith conteste de maneira vigorosa o grau de superioridade que comumente se atribui ao poder e riqueza e critique a disposição dos homens comuns em admirar e, conseqüentemente, imitar o comportamento muitas vezes degradante dos ricos e poderosos, ele não deixa de reconhecer os efeitos benéficos que a busca individual por “melhorar a condição de vida” proporcionou ao avanço econômico, institucional e moral das sociedades ao longo da História.

“E é bom que a natureza se imponha a nós dessa maneira. É essa ilusão que dá origem e mantém em contínuo movimento a destreza dos homens. É o que primeiro os incitou a cultivar o solo, a construir casas, a fundar cidades e estados e a inventar e a aperfeiçoar todas as ciências e artes, que enobrecem e embelezam a vida humana; que mudaram toda a face do globo, transformando as rudes florestas naturais em planícies agradáveis e férteis, o insondável e estéril oceano em nova fonte de subsistência, e na grande via de comunicação entre as diferentes nações da terra. Por causa desses trabalhos humanos, a terra foi obrigada a redobrar sua fertilidade natural, para manter um número maior de habitantes” (Smith 1999, 225).

Mas deste reconhecimento realizado por Smith dos muitos avanços sociais como reflexos da busca individual por “satisfazer mais efetivamente aquele amor a distinção, tão natural no homem” (Smith 1999, 223) não é possível intuir que ele caracterize os agentes sociais como seres impulsionados *unicamente* pelo desejo de fama e riqueza.

“Na corrida pela riqueza, honras e privilégios, [cada pessoa] poderá correr o mais que puder, tensionado cada nervo e cada músculo, para superar todos os competidores. Mas se empurra ou derruba qualquer um destes, a tolerância dos espectadores é perdida. É uma violação ao jogo limpo [*fair play*] que não podem aceitar. Por isso, os espectadores simpatizarão com o natural ressentimento do ofendido, e o ofensor se torna objeto de aversão e indignação. Este sabe disso, e sente que todos os sentimentos estão prestes a explodir de todos os lados contra ele” (Smith 1999, 104).

Para Smith (1999), as pessoas realizam, mesmo que inconscientemente, uma análise autocrítica de como seu comportamento e suas ações serão julgadas pelas demais pessoas e moderam seu *amor de si* ao grau em que os demais indivíduos possam aceitar (em busca de aprovação). Disto, surge o conceito smithiano de homem prudente, cujo caráter é capaz de personificar a maioria das pessoas. Com base na obra de Smith é possível



argumentar que, para ele, é a prudência, e não o egoísmo, o princípio humano responsável pela propensão a troca, o aprimoramento da divisão do trabalho e o desenvolvimento de instituições como a Moeda e os Mercados, analisadas por ele na RN.

### **Considerações Finais**

Para Smith, o princípio que serve de fundamento para que as pessoas aprovem ou não, tanto as suas próprias ações quanto as das demais, não está assentado nem no egoísmo, nem no intelecto - mas no sentimento. As pessoas, ao se imaginarem umas no lugar das outras, acabam por experimentar um conjunto de sensações, e através destas sensações, formulam seus julgamentos acerca tanto de si, quanto das demais. É deste imaginar-se no lugar do outro, que Smith constrói o seu conceito de simpatia, que não se restringe apenas à solidariedade pelo sofrimento alheio. E que, conjuntamente ao conceito do espectador imparcial, modelo *idealizado* de ser humano, a simpatia, no sentido dado por Smith ao termo, torna possível às pessoas se conduzirem adequadamente dentro da sociedade.

Mas, por que as pessoas em sociedade adéquam seu comportamento as regras morais vigentes? Conforme Smith, é porque elas desejam a notabilidade, a aprovação, o reconhecimento de seus méritos. Porém, esta busca por aprovação tem como origem os hábitos e costumes aceitos como “válidos” pela coletividade. Estes hábitos e costumes funcionam como o “espelho” através do qual as pessoas aprendem quais as ações e condutas são consideradas virtuosas e quais não são. Com base nisto, é que Smith idealiza o seu conceito de homem prudente, o qual caracteriza o comportamento que é a força motriz da frugalidade individual, tão importante para o desenvolvimento da divisão do trabalho em sociedades civilizadas e do conseqüente aprimoramento das condições materiais de vida, mesmo das classes menos favorecidas.

O caráter do homem prudente é representativo da maioria das pessoas vivendo em sociedade na RN. O homem prudente de Smith em nada se parece com o *Homo Economicus* neoclássico – sujeito motivado exclusivamente por razões econômicas, preocupado em termos imediatos em obter o máximo de lucro, com o mínimo de sacrifício. Pelo contrário, o homem prudente se esforça para dominar as habilidades e conhecimentos relacionados com sua profissão e negócios, e nesta busca, se conduz com constância, diligência e parcimônia. Pois, uma das coisas que mais teme, é se expor à desaprovação social. O amor-próprio [*self-love*] do homem prudente, que o impulsiona a “melhorar sua condição”, desenvolve-se por meio de sua

adequação as normas morais vigentes, e é caracterizado pela incompletude. Isto é, pela necessidade do olhar e reconhecimento dos demais agentes sociais.

Ou seja, não há como compreender o conceito de auto interesse ou amor-próprio [*self-love*] presente na RN, sem que se tenha em mente a abordagem moral realizada por Smith na TSM. É esta busca por aprovação que funciona como a motivação da divisão do trabalho - a qual é consequência de um princípio que pode ser encontrado em todo o gênero humano - a propensão universal para as trocas "justas e deliberadas". Esta propensão é o princípio que norteia a conhecida passagem do açougueiro, padeiro e cervejeiro presente na RN, e que se tornou canonizada ao longo do tempo, e não o egoísmo.

Por fim, dada a riqueza dos temas tratados por Smith tanto na TSM, quanto na RN - temas que tratam desde sua visão acerca da influência da moda e comportamento dos ricos e famosos sobre as pessoas de classes menos favorecidas economicamente, até o papel do espectador imparcial e sua relação com a Justiça em seu primeiro livro; temas que englobam desde sua análise entre preço nominal e real, salários, lucros, renda da terra, *drawbacks* e subsídios, até a carestia e a fome em países indianos, a desafortunada legislação escravista e as guerras coloniais; - abre-se a oportunidade para inúmeras pesquisas com base em seus escritos. Pesquisas relacionadas, por exemplo, com a importância dos aspectos morais da TSM para compreender a crítica contida na RN às Instituições de sua época, e se a abordagem institucional realizada por Smith o aproxima mais da abordagem de Thorstein Veblen ou da abordagem da Nova Economia Institucionalista, representada por Douglas North; com a comparação entre a teoria de Justiça de Smith, contida na TSM, e a teoria de Justiça de John Rawls em seu livro "Uma Teoria de Justiça"; com a análise das consequências econômicas e sociais do imperialismo contemporâneo ao tomar por base a análise realizada por Smith acerca da colonização de nações estrangeiras; com o papel do Estado em relação aos monopólios, entre outros assuntos. Ou seja, Smith, ainda hoje, pode ser uma fonte muito rica para o estudo das relações sociais, uma vez que em suas obras, ele não se restringia unicamente aos resultados econômicos da interação humana. Pelo contrário, levava em conta os aspectos filosóficos, psicológicos, morais e históricos relacionados aos processos que dão origem a estes resultados. Um tipo de abordagem que hoje, cada vez mais, se faz necessária aos economistas.

## Referências

- Anspach, R (1972). “The implications of the Theory of Moral Sentiments for Adam Smith’s economic thought”, *History of Political Economy*, v. 4, n. 1, p. 176-206.
- Boff, E.O. (2012). “What’s The Problem, Mr. Smith? Shedding More Light (than Heat) on Adam Smith’s View of Man”. XL ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA - ANPEC 2012. Disponível em: <[http://www.anpec.org.br/encontro/2012/inscricao/files\\_I/ib76cd4277b1646ca81c5059bf789d696.pdf](http://www.anpec.org.br/encontro/2012/inscricao/files_I/ib76cd4277b1646ca81c5059bf789d696.pdf)>. Acesso em: 26 mai.2013.
- Castro, E. (2002). “Las pasiones en el mercado: el espejo y la mano invisible” [En línea]. IVº Jornadas de Investigación en Filosofía, 7-9 de noviembre de 2002, La Plata. En: *Revista de Filosofía y Teoría Política*, Anexo 2004. Disponível em: <[http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.154/ev.154.pdf](http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.154/ev.154.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2013.
- Cerqueira, H.E.A.G. (2004). “Adam Smith e o Surgimento do Discurso Econômico”. *Revista de Economia Política*, v. 24, n. 3.
- Coase, R. H. (1976). “Adam Smith's View of Man”. *Journal of Law and Economics*, v. 19, n. 3, p. 529-546.
- Hobbes, T. (1979) *LEVIATÃ ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. São Paulo, Abril Cultural.
- \_\_\_\_\_ (2002) *Do Cidadão*. São Paulo, Martins fontes.
- Figueiredo, C. (2010). *Novo dicionário da língua portuguesa*. The Project Gutenberg EBook. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2013.
- Fritsch, W (1996). “Introdução”, in Smith, A, *A Riqueza das Nações*. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda.
- Ganem, A. (2002). “Economia e Filosofia: Tensão e Solução na Obra de Adam Smith”. *Revista de Economia Política*, v. 22, n. 4.
- Hume, D (2006). *Investigação acerca do entendimento humano*. Tradução: Anoar Aiex. Edição Acrópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/hume.html>>. Acesso em 05 jun. 2013.
- Paganelli, M.R. (2010). “The moralizing role of distance in Adam Smith: The Theory of Moral Sentiments as possible praise of commerce”. *History of Political Economy*. v. 42, n. 3, p. 425-441.
- Quintana, A. M. (2001). *A filosofia moral e a economia política de Adam Smith: a simpatia e o interesse próprio*. Porto Alegre, 122 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Raphael, D.D. (2007). *The Impartial Spectator: Adam Smith’s Moral Philosophy*. Oxford: University Press.

C. Santos, S. Regina Marin - *A simpatia e o espectador imparcial na obra de Adam Smith: o "homem prudente" como resultado dos hábitos e costumes sociais*

Reis, M.V.X. (2010). *.Estética dourada - teoria ética baseada no sentimento de empatia*. Brasília, 132 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Brasília.

Santos, A. T. L. A, Bianchi, A. M. (2007). "Além do cânon: mão invisível, ordem natural e instituições". *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 635-662.

Smith, A (1999). *Teoria dos sentimentos morais: ou, Ensaio para uma análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos, acrescida de uma Dissertação sobre a origem das línguas*. São Paulo, Martins Fontes.

\_\_\_\_\_ (2003). *A Riqueza das Nações*. São Paulo, Martins Fontes, Vol.I.

\_\_\_\_\_ (2003). *A Riqueza das Nações*. São Paulo, Martins Fontes, Vol.II.

Sugden, R. (2002). "Beyond Sympathy and Empathy: Adam Smith's concept of fellow-feeling", *Economics and Philosophy*, v. 18, p. 63-87.

Tribe, K. (1999). "Adam Smith: Critical Theorist?" *Journal of Economic Literature*, v. 37, n. 2, p. 609-632.

Weinstein, J. R. (2006). "Sympathy, difference, and education: Social unity in the work of Adam Smith", *Economics and philosophy*, v. 22, n. 1, p. 79-111.

Wilson, D., Dixon, W. (2006). "Das Adam Smith Problem: A Critical Realist Perspective", *Journal of Critical Realism*, v. 5, n. 2, p. 251-272.

Vivenza, G. (2001). *Adam Smith and the classics: the classical heritage in Adam Smith's thought*. Oxford, Oxford University Press.